

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

JENNIFER DOS SANTOS PINHEIRO

**A representatividade feminina da dança do boi-bumbá no contexto
sociocultural de alunas da Escola Estadual Profa. Ondina de Paula
Ribeiro em Manaus/Am.**

MANAUS

2024

JENNIFER DOS SANTOS PINHEIRO

**A representatividade feminina da dança do boi-bumbá no contexto
sociocultural de alunas da Escola Estadual Profa. Ondina de Paula
Ribeiro em Manaus/Am.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança da Escola Superior de Artes e
Turismo da Universidade do Estado do
Amazonas, como requisito para obtenção do título
de Licenciatura em Dança, sob orientação da
Profa. Dra. Jeanne Chaves de Abreu.

MANAUS

2024

JENNIFER DOS SANTOS PINHEIRO

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Banca Examinadora.

Nota Final: 9,3 (nove, três)

Manaus, 17 de dezembro de 2024

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

JEANNE CHAVES DE ABREU

Data: 23/01/2025 20:28:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Jeanne Chaves de Abreu



Documento assinado digitalmente

AMANDA DA SILVA PINTO

Data: 23/01/2025 14:40:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Amanda da Silva Pinto



Documento assinado digitalmente

ANDREW ROGGER AZEVEDO DOS SANTOS

Data: 23/01/2025 09:57:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Andrew Rogger Azevedo

AGRADECIMENTOS

- Expresso minha imensa gratidão a todas as pessoas e as instituições que apoiaram esta pesquisa, que colaboraram para que o sucesso desse projeto se tornasse realidade.
- Agradeço primeiramente a Profa. Dra. Jeanne Chaves de Abreu por sua orientação, extremo apoio, dedicação e grandes ensinamentos.
- Agradeço aos membros da banca examinadora por suas valiosas contribuições.
- Também agradeço à Universidade do Estado do Amazonas – Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT por proporcionar não somente o ambiente propício, mas imensos aprendizados e oportunidades de maravilhosas experiências até aqui.
- Ao meu campo de pesquisa Escola Estadual Profa. Ondina de Paula Ribeiro na qual tive a honra de estudar e que me abriram as portas para a realização deste estudo muito especial.
- Aos meus familiares e amigos pelo seu amor, paciência e muito incentivo.
- E, por fim, de coração a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e que me apoiaram nesta jornada acadêmica.

RESUMO

O presente estudo e foco principal da pesquisa está ancorada na representatividade, no empoderamento e na visibilidade da mulher amazônica através da dança da Rainha do Folclore, item 08 do Festival Folclórico de Parintins. Nosso objetivo maior, foi levar ao conhecimento das alunas do Ensino Médio da Escola Estadual Profa. Ondina de Paula Ribeiro, as possibilidades de entendermos o nosso lugar como mulheres no contexto social e cultural amazônico através da importância dessa figura tradicional do nosso folclore. A grande relevância do estudo foi aprofundarmos nessa temática afim de contribuirmos para que as jovens mulheres dos dias atuais entendam o valor e as possibilidades que cada uma possui através da representatividade da feminina do Item 08 – Rainha do Folclore, item obrigatório do Boi Bumbá de Parintins. Nosso propósito maior foi investigar e retratar como esse item tão representativo pode contribuir para o empoderamento das mulheres no atual contexto social. Atualmente, essa imagem feminina se tornou uma grande representatividade e admiração para muitas meninas da região que procuram ser destacadas, conceituadas, admiradas e reverenciadas não só como uma mulher de grande personificação cultural, mas uma mulher determinada, aguerrida e podendo ser quem e o que quiser dentro e fora de qualquer arena onde ocorre o espetáculo. Sendo assim, as escolhas metodológicas que foram utilizadas para a realização da presente pesquisa, a fim de alcançar todos os objetivos propostos pela mesma foi de cunho histórico, bibliográfico, de campo, exploratório e descritivo, trazendo ao centro das discussões e práticas a história, o empoderamento feminino, as movimentações e as transformações acontecidas na dança da Rainha do Folclore no decorrer do tempo. Justifica-se este estudo por entendermos que nos tempos atuais é necessário alertar nossas mulheres para a permanência ainda muito forte do regime do patriarcado e da violência de gênero permanente e incessante em todo o território nacional.

Palavras-chave: Festival de Parintins; Dança; gênero; Rainha do Folclore.

ABSTRACT

The present study and the main focus of the research is anchored in the representativeness, empowerment and visibility of Amazonian women through the dance of the Queen of Folklore, item 08 of the Parintins Folklore Festival. Our main objective was to bring to the knowledge of the high school students of the State School Profa. Ondina de Paula Ribeiro, the possibilities of understanding our place as women in the Amazonian social and cultural context through the importance of this traditional figure of our folklore. The great relevance of the study was to delve into this theme in order to contribute so that young women of the present day understand the value and possibilities that each one has through the representativeness of the feminine of Item 08 – Queen of Folklore, a mandatory item of the Boi Bumbá de Parintins. Our main purpose was to investigate and portray how this representative item can contribute to the empowerment of women in the current social context. Currently, this feminine image has become a great representation and admiration for many girls in the region who seek to be highlighted, respected, admired and revered not only as a woman of great cultural personification, but a determined, brave woman who can be whoever and whatever she wants inside and outside any arena where the show takes place. Thus, the methodological choices that were used to carry out the present research, in order to achieve all the objectives proposed by it, were historical, bibliographic, field, exploratory and descriptive, bringing to the center of discussions and practices the history, female empowerment, the movements and transformations that took place in the dance of the Queen of Folklore over time. This study is justified by the fact that we understand that in current times it is necessary to alert our women to the still very strong permanence of the regime of patriarchy and permanent and incessant gender violence throughout the national territory.

Keywords: Parintins Festival; Dance; Gender; Queen of Folklore.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – CULTURA E FOLCLORE NO COMPASSO DO BOI BUMBÁ.....	10
1.1 Um giro dançante na Cultura e no Folclore	10
1.2 Bate forte o Tambor - Boi-Bumbá, a herança cultural centenária.	14
1.3 Corpo e cultura no ambiente escolar	16
1.4 Dança na escola, um processo em construção.	20
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS	23
Quanto a abordagem	23
Quanto ao delineamento (Procedimentos)	25
Lócus e Sujeitos da Pesquisa	26
4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6 REFERÊNCIAS.....	49
7 APÊNDICES	51
8 ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

O Festival Folclórico de Parintins é um movimento popular cuja importância transcende em muito, a sua condição inicial de suporte turístico e econômico quando se configura, de maneira notória e indiscutível como um patrimônio imprescindivelmente único e insubstituível para a caracterização de uma identidade cultural singular ao município de pertencimento.

Este fenômeno cultural de valor imaterial caracteriza-se como uma manifestação folclórica sobremaneira grandiosa, cuja visibilidade dilatou-se surpreendentemente ao mesmo tempo em que teve sua afirmação como destaque relevante no cenário cultural brasileiro, percebemos relativa carência na produção de trabalhos acadêmicos relacionados as Licenciaturas que discutam as danças folclóricas com possibilidades de agregar valores morais inestimáveis para os cidadãos e cidadãs amazônicos(as).

Consideramos reafirmar a relevância do estudo do folclore e cultura popular através da dança do item 8 do Boi Bumbá de Parintins valendo-nos com exclusividade de uma proposta de pesquisa que a descreve como um recurso de valorização da identidade cultural do município no qual está inserido, e que nasceu imediatamente após notarmos uma lacuna correspondente ao aspecto pedagógico, após observar que nas escolas de Manaus, muitas crianças e jovens não tem conhecimento da importância dessa manifestação para o contexto amazônico.

Desta forma, desenvolvemos nosso trabalho por meio de uma pesquisa de cunho histórico, bibliográfico, de campo, exploratório e descritivo, trazendo ao centro das discussões e práticas a história, o empoderamento feminino, as movimentações e as transformações acontecidas na dança da Rainha do Folclore no decorrer do tempo. A mesma está fundamentada, sobretudo, em obras que apreciam de maneira objetivamente clara os conceitos que se fizeram necessários para a explanação linear das ideias discutidas e suas possíveis interpretações. Nosso propósito maior foi investigar e retratar como esse item tão representativo pode contribuir para o empoderamento das mulheres no atual contexto social através da sua dança, do seu modo de ser e agir e sua representatividade frente as mulheres. Nesse sentido, de acordo com nossas possibilidades, conseguimos identificar todos os resultados que efetivamente foram obtidos por meio da implementação da dança do Boi Bumbá e mais especificamente da

dança da Rainha do Folclore como recurso pedagógico para a valorização da identidade cultural do município no currículo do Ensino Médio conforme aponta a BNCC.

No primeiro capítulo, fizemos uma contextualização acerca do conceito geral de cultura e folclore, descrevendo o que se pode entender por cultura e suas aplicações sinteticamente, os mitos, as lendas, as celebrações que compõem o cenário cultural da região. Enveredamos pela história do Festival Folclórico de Parintins desde sua gênese e a chegada do auto do boi no Brasil. Contamos a evolução do Boi Bumbá, descrevendo o seu histórico, desde sua origem em Portugal, sua passagem pelo nordeste brasileiro e a vinda do povo nordestino para a Amazônia em busca do ouro branco extraído das seringueiras, sua manifestação em Manaus e posteriormente em Parintins onde se estabeleceu e permanece até os dias atuais como uma grande potência cultural.

Ainda no primeiro capítulo, fizemos um passeio sobre corpo e cultura no ambiente escolar, discutimos o que sugere a BNCC para a implementação da dança folclórica no contexto escolar, seus sentidos e possibilidades, enfatizando o discurso que apresenta a dança da Rainha do Folclore do Boi Bumbá como recurso pedagógico, empoderamento e valorização da identidade cultural de mulheres.

No segundo capítulo apresentamos a metodologia com seus subitens, a discussão análise dos resultados com todos os processos aplicados aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Profa. Ondina de Paula Ribeiro.

Esperamos ter alcançado nossos objetivos e através deste estudo contribuir de forma singela, para a divulgação, reconhecimento e engrandecimento da dança, da arte, da cultura e, principalmente, da valorização e empoderamento de mulheres através da representatividade feminina da dança da Rainha do Folclore do Boi Bumbá de Parintins.

CAPÍTULO I – CULTURA E FOLCLORE NO COMPASSO DO BOI BUMBÁ

1.1 Um giro dançante na Cultura e no Folclore

Os estudos sobre cultura e folclore tem uma extensa área de conhecimento e definições de conceitos similares. A cultura pode indicar tanto a produção artística quanto o modo de viver na sociedade, através de um conjunto de saberes e as inúmeras expressões de um povo.

A cultura busca definir um grupo social com características e conhecimentos que abrangem a diversidade total da língua, culinária, religião, artes, música e as variadas formas de convivência que tornam tradições únicas.

A cultura em sua etnografia e em busca de um conceito, coloca as ciências de forma sistemática para o aprendizado e definição do termo. Sendo informativos das ciências filosóficas, antropológicas e sociais. Para entendermos cultura, buscamos Edward Burnett Tylor (1871), que exemplifica com o seguinte discurso:

cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (Tylor, 1871, p.1 apud Cuche, 1999, p.35).

A cultura que perpassa de uma geração a outra, completa com um amplo significado e entendimento através dos estudos e pesquisas que norteiam um discurso crítico-social para a inclusão formativa da sociedade e mantendo o seu processo de civilização. Santos (2018, p.16), complementa que cultura é a “união de vários fatores que compõe uma sociedade”, pois influencia no desenvolvimento comportamental dos indivíduos e se transforma de acordo com o período e o lugar.

Nesse contexto, a cultura não se limita apenas no saber regional, mas em um todo, onde homens e mulheres são dotados de conhecimento e equipamento anatômico que fazem parte da herança cultural. Contribuindo com nossa fala, Laraya (1986, p.37) diz que, “todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização

do mesmo, ao invés de ser determinado geneticamente, depende de um aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo”.

Devemos informar que a cultura é dinâmica, ela não está presa no tempo, e conforme as décadas avançam ela vai se transformando, as imposições do tradicional estagnado e parado no tempo e no espaço não existe, pode-se perceber claramente as sutilezas, entendendo que valores que possuíam força no passado, vão se enfraquecendo e se transmutando através das gerações.

Nesse mesmo sentido, Arantes (1990, p. 19) aponta que na cultura,

Procurando-se “reproduzir” objetos e práticas supostamente cristalizados no tempo e no espaço, acaba-se por “produzir” versões modificadas, no mais das vezes esquemáticas, estereotipadas e, sobretudo, inverossímeis (aos olhos dos produtores originais) dos eventos culturais com os quais se pretende construir o patrimônio de todos. Embora se procure ser fiel á “tradição”, ao “passado”, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstruir, isso é inevitável, porque a própria reconstituição é informada por e é parte de uma reflexão sobre a história da cultura e da arte que, em grande medida, escapa aos produtores “populares” da cultura.

Ao buscarmos os conceitos de cultura, não podemos esquecer Gonçalves (1994, p. 13) que contribui ao dizer que, a “cultura imprime suas marcas no corpo e que este expressa uma história acumulada de uma sociedade”. Dessa forma, ao longo da história, o homem vem assimilando inúmeras concepções no tratamento com seu corpo e suas relações em determinado contexto social. A cultura não é única, ou seja, não existe uma só cultura, cada povo, cada etnia, cada sociedade, cada pessoa tem sua cultura.

Entende-se também que a nossa cultura está em constante processo de modelagem. Ao adotarmos costumes, valores ou mesmo símbolos diferentes, modificamos, por exemplo, hábitos culturalmente construídos, de modo que os parâmetros culturais que absorvemos de nossa família se alteram tanto no decorrer de nossa convivência social que dificilmente serão exatamente os mesmos que transmitiremos aos nossos filhos.

A palavra cultura é derivada de *colere*, do Latim, que significa “cuidar de”, está intimamente ligada a palavra alteridade que expressa e determina a qualidade, o estado ou características do outro, ou seja, a alteridade está diretamente envolvida com a cultura, haja vista, que ambas se relacionam com o indivíduo desde os primórdios. Um de seus princípios fundamentais é que o homem na sua vertente social tem uma relação de interação e dependência com o outro.

Para Moraes (1974), cultura é a maneira de sentir, pensar, agir e reagir do homem dentro de uma sociedade na relação com seus semelhantes. De acordo com o mesmo

autor, temos três modalidades de cultura. A Cultura Erudita tem como principal característica a transmissão de forma intelectualizada por organizações como as Universidades e Escolas. Já a Cultura Popular ou espontânea é adquirida de maneira informal na convivência do homem com seu semelhante e nas suas experiências de vida. Por fim, a cultura de massa que, por sua vez, se subdivide em: de modo, de consumo ou comercial.

Ao darmos ênfase sobre cultura, não podemos esquecer o estudo do folclore, este visa conhecer a própria gênese cultural de uma sociedade ou de um determinado povo, sendo assim, folclore é a solução popular da vida civilizada. Nesse contexto Sanches (2012, p.23) informa que, o folclore, “possibilita o conhecimento de como buscar compreender e conhecer a essência das razões de ser, com suas realidades reais e imaginárias dos indivíduos”.

Folclore é o conhecimento do povo, o saber tradicional que é compartilhado por vários anos em transmissões orais passado de gerações a gerações. Sua gênese acontece na base no seio familiar através das histórias e estórias vivenciadas pelos indivíduos que carregam todo o aprendizado cultural. Das lendas, mitos, canções, danças, festas populares, superstições, parlendas, dialetos populares, jogos e brincadeiras, o artesanato feito pelas mãos de grandes artistas autônomos, das crenças e costumes que caracterizam a identidade social de um povo.

O folclore é uma manifestação que pode ser realizada de forma individual ou coletiva. Nesse contexto, como um exemplo de definição formal ou informal do folclore, temos esse trecho publicado no I Congresso Brasileiro do Folclore no Rio de Janeiro (1951):

O folclore constituído pelas maneiras de pensar, sentir e agir e de um povo, preservadas pela tradição popular ou pela imitação, e que não seja diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam, ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano, ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica (Biblioteca Educação e Cultura – MEC FENAME – Vol.04).

O estudo do folclore é importante para entender a cultura e a identidade de um povo, além de preservar a memória coletiva e promover a valorização da diversidade cultural, o folclore pode variar muito de uma região para outra, refletindo a história, a cultura e os valores da comunidade, ele pode ser expresso por meio de diversas formas, no Brasil, por exemplo, o folclore é rico e diversificado, com influências indígenas, africanas e europeias. Alguns exemplos de expressões folclóricas brasileiras são o carnaval, o candomblé, a capoeira, o samba, a embolada e o forró.

E todo esse conhecimento, temos autores incríveis que expressam sobre o folclore em suas obras como Mário de Andrade "O folclore é a expressão mais autêntica da alma popular." (Folclore Brasileiro, 1928), "O folclore é a memória coletiva da humanidade." (O Folclore, 1930); Gilberto Freyre "O folclore é a forma mais pura da expressão cultural de um povo." (Sobrados e Mucambos, 1936), "O folclore é a base da identidade nacional." (O Mundo que o Português Criou, 1940); Câmara Cascudo "O folclore é a história viva da humanidade." (Folclore do Brasil, 1954), "O folclore é a expressão mais autêntica da cultura popular." (Dicionário do Folclore Brasileiro, 1956); Pierre Bourdieu "O folclore é uma forma de resistência cultural contra a dominação." (A Economia das Trocas Simbólicas, 1972), "O folclore é uma expressão da luta de classes." (A Distinção, 1979); Claude Lévi-Strauss "O folclore é uma forma de pensamento mítico." (As Estruturas Elementares do Parentesco, 1949), "O folclore é uma expressão da estrutura social." (O Pensamento Selvagem, 1962).

Essas citações demonstram a importância do folclore como expressão cultural, histórica e social, e como forma de resistência e identidade. Nesse contexto, sobre folclore, ressaltamos também o pensamento de Brandão que nos mostra que:

Poesia à parte, se o folclore é isso, talvez não seja muito difícil compreender o que ele é. Mas acontece que ele, ao mesmo tempo, pode ser muito menos ou muito mais do que isso. Na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar de cultura, cultura popular o que alguns chamam de folclore. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras são sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo... (BRANDÃO, 1998 – 13ª ed., p.23).

Portanto, o folclore vem trazendo significados que conheceram a criação, conhecimento e reprodução natural por autores/folcloristas anônimos que um dia possam ser reconhecidos. Segundo Bráulio do Nascimento apud Brandão (1998, p.24), enfatiza que “a valorização do folclore, o reconhecimento da importância das manifestações populares na formação no lastro cultural da nação, constituem procedimentos capazes de assegurar as ações necessárias ao seu desenvolvimento”. Dessa forma, o folclore liberta-se para ser criado, recriado, modificado e abrir portas para que o seu tradicional passe de geração a geração, não esquecendo significados importantes que foram concedidos como particularidades que possam ser dominadas e concebidas aos antigos e novos folcloristas, nos seus costumes e crenças.

A cultura e o folclore no Brasil e na nossa região Amazônica, refletem a cultura popular como um patrimônio valioso que precisa ser preservado e valorizado. Dando a importância do reconhecimento e respeito a diversidade cultural na sociedade garantindo que as tradições sejam transmitidas para as gerações futuras. Nos meios de informações, a cultura popular segue viva e multicultural. No Brasil, a cultura popular é rica e diversificada, refletindo a mistura de culturas indígenas, africanas, europeias, com uma grande variedade de festas populares e outras que formaram a nossa sociedade.

1.2 Bate forte o Tambor - Boi-Bumbá, a herança cultural centenária.

O Festival Folclórico de Parintins é uma cultura centenária que surge oriunda do bumba meu boi e que se reformula, adaptando na regionalidade, mostrando a essência dos povos ribeirinhos miscigenados. Este inicia através das estórias e histórias contadas pelos moradores e fundadores dessa cultura internacional. É uma festa tradicional que acontece numa ilha chamada Parintins, cidade localizada há 369,21 Km de Manaus, Capital do Amazonas, que envolve toda uma sociedade, um estado e atrai turistas do mundo inteiro.

O Boi-Bumbá chega ao Brasil com os colonizadores portugueses e junto com as culturas indígena e africana se tornou o folguedo que se conhece, sofrendo adaptações nas regiões aos quais foi introduzido. Monteiro (2004), afirma em sua obra *Boi-Bumbá: História, Análise Fundamental e Juízo Crítico*, que, “a origem do auto é eurásica e se faz presente desde 1787”. Assim, através dos colonizadores o Bumba-meu-boi surge nas manifestações folclóricas do Maranhão. Abreu (2024) indica que “para chegar no Amazonas, conta-se que saudosos de sua terra e festas, os seringueiros vindos do Maranhão organizaram-se para com seus cantos e danças minimizarem as dores da distância, pois sabiam que jamais retornariam a terra natal”. Já Nogueira (2008, p. 101) concorda que, “a adaptação de festas populares a condições geográficas e econômicas em relação ao ambiente em que possivelmente se originaram, constitui a condição que homens e mulheres encontraram para rearranjar a vida e sobreviver material e espiritualmente”. Assim, com a migração da brincadeira do Bumba-meu-boi trazida pela cultura dos maranhenses, uniu-se a cultura local. Dessa junção surgiram as primeiras manifestações de um Boi-Bumbá com especificidades da cultura do norte do Brasil

O boi-bumbá de Parintins carrega em sua história um marco no crescimento de uma cultura popular no âmbito regional, nacional e logo muito próximo, internacional.

Uma história contada pelos povos miscigenados, que fazem dessa cultura o seu meio de lucrar financeiramente através dos artesanatos, culinária, turismo entre outros que ficaram popularmente conhecido pelos visitantes que chegam na ilha da magia.

Uma tradição que vivencia, transforma, renova, reinventa a arte ano após ano e que conta a vida de caboclos ribeirinhos e de imigrantes nordestinos, mestiços, pessoas criativas e futuristas num espetáculo grandioso no maior teatro a céu aberto do mundo. E que se exporta para outros estados do Brasil e o mundo pelo talento artístico nato de um Parintinense.

Uma cultura que emana conhecimento regional e se torna parte do folclore brasileiro na sua riqueza histórica passada por várias gerações, buscando seu diferencial com intervenções do Carnaval do Rio de Janeiro e unificada com a cultura indígena criou um grande vínculo cultural e social, readaptando a forma de divulgar o seu folclore popular sem perder a essência tradicional, aderindo uma apresentação ímpar, explorada de maneira espetacular, midiática e mercadológica pelos meios de comunicação em geral.

Uma peregrinação de acontecimentos memoráveis experienciado desde 1913, pelos seus precursores Lindolfo Monteverde (criador do boi-bumbá Garantido) e Roque Cid (criador do boi-bumbá Caprichoso), devotos de Nossa Senhora do Carmo, por promessas criaram os Bois Caprichoso e Garantido para além de divertimento da população, buscaram reconhecimento e identidade cultural da cidade para ajudar na construção da Catedral de Nossa Senhora do Carmo.

As primeiras manifestações e aparições das brincadeiras de boi eram concretizadas por um grupo de pessoas que representavam os personagens do boi-bumbá e andavam pelas ruas da cidade fazendo apresentações frente às casas em troca de uma retribuição em dinheiro para os brincantes. Com isso era realizada a encenação da matança do boi e a moeda valiosa seria pela língua do suposto animal. “Os personagens do auto do boi tinham auxílio de instrumentos que davam ritmo as danças e dramatizações do espetáculo”. (Braga, 2002).

Nem tudo era divertimento ou passatempo, a rivalidade nessa época se criava e dividia a população pela escolha do seu boi preferido. As apresentações eram realizadas separadamente, os brincantes e torcedores jamais poderiam se encontrar, pois, um confronto era armado e o fanatismo falava mais alto. Nesse sentido a cidade ficou dividida e pelas cores escolhidas um lado ficou Vermelho e no outro a cor Azul. As brincadeiras realizavam-se nos terreiros e denominavam o lugar de Currais de Festas. De geração em geração a tradição se mantinha, os fundadores e suas famílias continuam até os dias atuais

levando e contando a história para todos que queiram conhecer o Grandioso Boi de Parintins. Braga (2012) ressalta que:

Em razão da violência vivenciada nas acirradas disputas do passado, o enredo de apresentação do boi foi paulatinamente sendo transformado, como resultado de um processo de domesticação da violência. Passou-se, então, de uma disputa difusa e violenta para um evento mediado por regras e um corpo de jurados, que implicou na transformação em um espetáculo moderno e de massa, com isso tornando-se o principal evento turístico da região. (BRAGA, 2012, p.138).

Nesse contexto e levando em consideração a rivalidade que os bois travam até a atualidade, podemos inserir também nas nossas aulas as questões da violência que assola o cotidiano de várias famílias nas diversas camadas sociais. Pensamos que educação e cultura estejam atreladas e que podem e devem fazer diferença no nosso fazer pedagógico.

Esse folguedo brasileiro ganhou forças e se expande durante um século tendo em suas apresentações canções poéticas, versadas como cordéis e que identificam o cotidiano dos ribeirinhos, lendas folclóricas e amazônicas, rituais indígenas através das letras criadas e contadas pelo gênero musical chamado “Toada”. Abreu e Franco (2004, p. 40) indicam que, “o envolvimento da música como reflexo dos espetáculos vai além de ser algo específico, mas sim algo que simboliza, representa ou evoca tendo inúmeras maneiras de se expressar”. E adicionando essa pequena citação, as toadas refletem o cotidiano dos populares, figuras típicas, rituais indígenas, lendas e mitos e é considerada única representativa por seu lugar de uso.

O Boi Bumbá de Parintins explode nos anos 90, onde o seu ritmo contagiante faz vibrar fervorosamente uma multidão de pessoas que cantam as toadas e dançam o “dois pra lá e dois pra cá”, com movimentos livres, leves e que faz o corpo todo sentir uma emoção avassaladora de brincar de boi. Os anos marcantes, fizeram o boi-bumbá sair da cidade de Parintins, compartilhar a brincadeira com a cidade de Manaus e ir para os grandes programas de televisão, levando assim essa brincadeira regional “para o mundo ver”. Um dos grupos que contribuíram para a visualização internacional das toadas e dança característica do Boi-Bumbá foi o grupo “Carrapicho” com a toada *Tic Tic Tá*.

1.3 Corpo e cultura no ambiente escolar

Como bem dizia Simone de Beauvoir (1949), no seu famoso livro *O Segundo Sexo* “não se nasce mulher, torna-se mulher”, dessa forma entende-se que ser mulher é um

aprendizado e um desafio. Hoje uma nova mulher está nascendo e se desenvolvendo, anos de luta femininas e feministas nos encaminharam para que outra frase famosa de Beauvoir fizesse todo o sentido quando ela dita: “que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre” (Beauvoir, 1970).

Embasada no pensamento de Beauvoir nos reportamos as figuras e as danças representativas dos itens femininos do Festival Folclórico de Parintins, onde essas mulheres estão implantando nos nossos dias a real figura da mulher guerreira, livre, empoderada, resistente e combativa, sendo suas atitudes muitas vezes representativas para crianças e adolescentes. Com grande visualização através de seus corpos, muitas vezes essas mulheres são pontuadas por olhares menores, como “mulheres fáceis”, o que Abreu (2020) já pesquisou e decretou ser uma falácia. Conforme observa Meyer e Soares (2004, p.6),

Vivemos um tempo em que o corpo é exaustivamente falado, invadido, investigado e ressignificado: Medicina, Engenharia Genética, Tecno biomedicina, Psicologia, Enfermagem, Nutrição, Direito, Biologia, Educação Física, Pedagogia, História, Antropologia, e Sociologia são algumas das áreas imbricadas ou sobrepostas, têm interferido e redefinido as formas pelas quais vemos, conhecemos, falamos e nos relacionamos com aquilo que chamamos de “nosso corpo”.

As crianças quando adentram as salas de aula no ensino infantil, são estimuladas a utilizar os mecanismos e práticas diversas para o desenvolvimento biofísicopsicosocial. Nessa fase há um esforço conjunto dos profissionais da área da educação em abrir espaço para esse desenvolvimento. Contudo, nos anos posteriores, os professores se preocupam em inserir nessas mesmas crianças informações de conhecimentos cognitivos, afastando-as cada vez mais do seu corpo, esquecem que corpo e mente são uma unicidade, ou seja, são corponectivos. Hooks (1999, p. 115), considera que,

No campo da educação, essas dicotomias, quando incorporadas, por exemplo, às perspectivas cognitivas dos processos de ensino aprendizagem, tem funcionado de modo a nos fazer crer que a alma, a mente, o pensamento ou a razão são seus focos privilegiados e, ao acreditar nisso, os indivíduos entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo.

Vemos na atualidade nas salas de aula ainda um ensino tradicional, onde o professor fala e os alunos escutam com seus corpos inertes e robotizados. Pensamos que esses corpos fazem parte de uma outra época, de um outro tempo de um outro lugar. Devemos pensar um corpo como Rosa (2004, p.18) reverbera:

Um corpo-outdoor, referindo-se a jovens estudantes que se utilizam de seus corpos como se fossem páginas ampliadas de suas agendas, como espaços de conversação, de marcas, de registros, adesivos, tatuagens, desenhos, pinturas, marcação de compromissos, partes rasgadas, visibilidade, insinuações, segredos ou exibicionismos. Telas criadoras, espaços de inventividade, letras que falam, tintas que respiram, cabelos que tramam, dançam, tendo como endereço possibilidades de relação e de comunicação com as outras pessoas.

Penso que nossos corpos, os corpos de nossas crianças e de nossos jovens são obras de artes vivas para serem comemoradas e celebradas todos os dias. São corpos significados e modificados permanentemente por nossa cultura. Louro (1999) indica que, “nós construímos nossos corpos de acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”. A partir da fala de Louro, reverberamos que temos um corpo cultural amazônico, esse compromisso representativo do corpo nortista levamos para os diversos lugares que transitamos, é o nosso cartão de visita, a nossa carta de apresentação. Abreu(2008) sinaliza que, a “identidade cultural é um conjunto híbrido e maleável de elementos que formam a cultura identitária de um povo, ou seja, que fazem com que um povo se reconheça enquanto agrupamento cultural que se distingue dos outros”. Ainda completa que: é “difícil definir uma identidade cultural específica, pois ela é maleável e depende do momento e das peculiaridades culturais de uma determinada sociedade” (Idem, 2008).

A escola é um lugar de manutenção e preservação da herança cultural de uma sociedade. Após o seio familiar, é na escola que vamos encontrar os processos de reafirmação da cultura de um sujeito social, mesmo sendo um espaço castrador da criatividade individual. Porém e graças ao espírito contestador e resistente de alguns, esses corpos procuram com a mesma insistência da escola uma “sobrevivência subjetiva”. Assim, buscamos Meyer e Soares (2004, p. 28) que diz o seguinte:

A escola organiza seu cotidiano com práticas e propósitos de fixar, adaptar e modelar corpo e pensamento desde a infância. Crianças e jovens estudantes fazem seus movimentos de resistência e reação aos procedimentos “normalizadores” da escola, enviando e respondendo mensagens ao público que ali comparece. Mensagens com diferentes designs, sons, ritmos, cores, tons e estilos, inscritas principalmente na superfície do corpo.

Na atualidade, algumas escolas estão aceitando uma forma mais libertadora na ocupação dos seus espaços, graças e principalmente através das ações sempre presente dos professores das Artes. Nesse contexto, nos empreendemos em levar para a escola, a dança dos itens femininos dos boi-bumbás como forma de empoderamento, identidade, resistência, entre outros, da mulher perante a sociedade.

A Rainha do Folclore traz consigo a diversidade da cultura popular brasileira, ela é a guardiã do folclore, personificação da beleza e dos mistérios da Amazônia, deve possuir graça, incorporação, simpatia, beleza, desenvoltura e uma indumentária deslumbrante podendo ser indígena trazendo a garra, os mitos e lendas, folclórica retratando os folguedos e a indumentária cabocla, falando sobre os negros, mestiços, caboclos e ribeirinhos, ela hipnotiza a todos com seu dançar e simboliza a união de todos os seres da mata. Na apresentação, ela adentra em momentos unicamente relacionados a lendas amazônicas, mitos e em cenários folclóricos.

O item 08 – Rainha do Folclore é representada por uma mulher morena, jeito caboclo, mestiça e sensual, representante do novo povo civilizado que carrega na sua dança heranças de todos os povos com saudações ao folclore brasileiro. Ao passar do tempo, a identidade cultural do item 08 transforma a visão e a vivência da mulher que o representa e de todas as outras que admiram e sonham em defender este personagem que hoje traz a força, o empoderamento e o fato de que ela pode ser o que quiser dentro e fora do personagem e da arena, dando também grandes oportunidades e conhecimentos não somente folclóricos ou na aparência, mas sim na valorização da mulher, da liberdade que ela pode ter e agir sobre o seu próprio corpo e sua própria mente. Segundo Sant’Anna (1995, p.134)

“Na base desta *liberação* do corpo sedutor e da positividade inédita atribuída ao prazer de cuidar de si mesma, encontramos inúmeros fatores, que vão dos movimentos de liberação ocorridos na década de 60, à contracultura, passando pelo importante desenvolvimento da publicidade...”

Nosso estudo demonstrou que a Rainha do Folclore transcende seu papel tradicional, representando uma mulher forte, confiante e determinada. Ela encarna a resistência e a resiliência das mulheres da região, desafiando estereótipos e normas patriarcais.

Neste contexto, o empoderamento feminino representado pela Rainha do Folclore do Festival de Parintins se manifesta em três aspectos principais: Autonomia e autoestima: A Rainha do Folclore é uma mulher confiante e independente. Representatividade e visibilidade: Ela representa as mulheres da região, destacando sua importância cultural. Liderança e inspiração: Sua figura inspira futuras gerações a lutar por igualdade e respeito.

A Rainha do Folclore do Festival de Parintins é um ícone do empoderamento feminino, demonstrando que as mulheres podem ser líderes, criativas e fortes, desafiando os limites impostos pela sociedade.

Percebe-se que o título de Rainha do Folclore não apenas reconhece a beleza e o talento, mas também valoriza a liderança, a criatividade e a capacidade de superação das mulheres. Além disso, a representatividade da Rainha do Folclore reflete a importância da mulher na cultura amazônica, destacando seu papel fundamental na preservação dos costumes e tradições locais.

1.4 Dança na escola, um processo em construção.

Contribuindo nesse processo de cultura popular e ideias de tradição cultural, entende-se que estas se refletem no uso de informações introduzidas no mundo das artes. Neste nicho, incluem-se o saber dos mitos, lendas, histórias e estórias. Relacionando todo esse contexto damos ênfase as artes em forma de ciência como precursora desse amplo conhecimento exclusivamente a partir da Lei 5692/71 de 11 de agosto de 1971, em seu artigo 7º que em seu bojo reverbera que: “será obrigatória à inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus” (Brasil, 1971, p. 3). É a partir desse período que o ensino das artes ganha outro conceito passando de atividade de lazer para compor o currículo obrigatório das escolas fundamentais como Educação Artística, passando por grandes obstáculos fazendo o professor de artes serem polivalente ao lecionar em suas aulas música, teatro e artes plásticas em uma única disciplina.

Em 2016, foi aprovada a Lei nº 13.278 de 02 de maio/16 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394/1996) formalizando o sistema promovendo a valorização de profissionais das áreas de Dança, Música, Teatro e Artes Visuais ao ser inserido nos componentes curriculares do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, atuando de forma separada e autônoma no ensino-aprendizagem dos alunos das redes públicas e privadas. Porém, mesmo atuantes em suas próprias áreas, o professor de Artes continua sendo polivalente, devido ao sistema pedagógico e de ofertas quanto à relação do projeto político pedagógico das escolas, entre outros. É importante destacar que com a falta de concursos públicos para a aquisição necessária de professores com habilitação específica nas 4 áreas das Artes, esses

profissionais são substituídos nas escolas por professores com formação em áreas diversas como a Geografia, a História, Línguas Estrangeiras, entre outras.

No desenvolvimento da nossa temática e contribuição positiva de conhecimento, a arte na escola se torna peça fundamental do saber prazeroso interdisciplinar as outras ciências, podendo ser inserida de modo teórico-prático relacionando a cultura geral, regional e em especial, a amazônica.

Para isso, em nossa proposta atribuímos a dança como saber e a busca de conhecimento dos indivíduos, na qual Marques (2010) se refere nos espaços educacionais como proposta de incentivo no processo de ensino-aprendizagem e nos informa que:

Esse tripé se desdobra em outros múltiplos tripés de saberes, possibilitando dialogias polissemias e polifonias nas práticas de ensino e aprendizagem da dança. Se queremos educar leitores de dança/mundo capazes de construir, reverter impregnar de sentidos seus atos cotidianos não podem prescindir de processos de ensino e aprendizagem de dança que já tenham entrelaçados em suas próprias propostas metodológicas a formação intencional dessas redes de relações. (Marques, 2010, p.144-145).

Diante da importância que a dança tem no espaço educacional elevamos a dança do Boi-Bumbá como forma de manter uma tradição centenária aos alunos da cidade de Manaus. Através dessa premissa, ressaltamos a dança como diversidade cultural que abrange conhecimentos históricos, didáticos e científicos, onde todas as formas e movimentações são usadas para o corpo se comunicar. A dança no contexto social e escolar incentiva, promove e sensibiliza de forma artística e cultural a valorização da originalidade, costumes e tradições de um povo.

No Ensino Médio temos um encaminhamento voltado às danças no campo do lazer, deixando para dar maior autonomia aos alunos eles selecionarem as manifestações que serão tematizadas. A justificativa é que no Ensino Médio o aluno já desfrutou de diversas danças em fases anteriores, e dessa maneira, possui amplo repertório para auxiliar o professor no processo de seleção. Temos com esses dados certa confluência com os apontamentos dos especialistas, principalmente no que diz respeito à existência de espaços para construção coletiva, todavia, a proposta de dança da BNCC para o Ensino Médio nos pareceu vaga.

A BNCC recomenda que cabe as escolas de Ensino Médio contribuir para a formação de jovens críticos e autônomos, entendendo a crítica como a compreensão informada dos fenômenos naturais e culturais, e a autonomia como a capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis. Para

acolher as juventudes, as escolas devem proporcionar experiências e processos intencionais que lhes garantam as aprendizagens necessárias e promover situações nas quais o respeito à pessoa humana e aos seus direitos sejam permanentes. (BNCC, 2021).

Podemos dizer, portanto, que apesar das discrepâncias com relação ao momento de aprendizagem, as Danças de Salão, Danças Urbanas e Danças Populares parecem apresentar um significado considerável, uma vez que, foram delineadas como direitos de aprendizagem tanto pelos especialistas quanto pela BNCC. Esses dados podem auxiliar os professores no desafio de delimitar “o que” ensinar sobre dança no Ensino Médio, exaltando a importância de conceder espaços para o protagonismo da comunidade, bem como para seleção de práticas consolidadas historicamente em nosso país, como é o caso das danças acima citadas, entre outras.

A BNCC para o Ensino Médio aponta como estratégia de ensino a articulação entre as áreas de conhecimento. Aqui destacamos os núcleos de criação artística que:

Desenvolvem processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens e na investigação das corporalidades, espacialidades, musicalidades, textualidades literárias e teatralidades presentes em suas vidas e nas manifestações culturais das suas comunidades, articulando a prática da criação artística com a apreciação, análise e reflexão sobre referências históricas, estéticas, sociais e culturais (artes integradas, videoarte, performance, intervenções urbanas, cinema, fotografia, slam, hip hop etc.) (BNCC, 2021).

Pensamos que os professores possuem um imenso leque de opções e possibilidades de levar de forma assertiva a dança para os alunos do Ensino Médio.

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia de medida dos fatos científicos. (Bruyne, 1991, p. 28). Portanto a metodologia deve ajudar a explicar não apenas o produto da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados (Idem, 1991, p. 29).

Segundo Strauss e Corbin (1998), o método de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para se coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as “ferramentas” das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão.

Já para Minayo (1993, p.23), a pesquisa é considerada como atividade básica das ciências na sua indignação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente.

Sendo assim, o nosso estudo traremos os caminhos e escolhas metodológicas que foram utilizadas para a realização da presente pesquisa, a fim de alcançarmos todos os objetivos propostos pela mesma.

Quanto a abordagem

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizada uma abordagem do tipo qualitativa, que se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014). A mesma reverbera ainda que a proposta metodológica qualitativa, “visa às experiências humanas que nortearão o conhecimento de formação das ideias compartilhadas assim como os significados e valores para a pesquisa” (Idem, 2014).

Entende-se ainda, que a pesquisa qualitativa busca entender fenômenos humanos. Esse tipo de pesquisa se preocupa com o significado dos fenômenos e processos sociais. Mas sendo uma análise relacionada também a subjetividade. Leva em consideração as motivações, crenças, valores e representações encontradas nas relações sociais (Knechtel, 2014).

Toda pesquisa qualitativa, social, empírica, busca a tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial (Bauer; Gaskell, 2008) mas sobretudo, objetiva conhecer a maneira como as pessoas se relacionam com seu mundo cotidiano. Desta forma, intentamos observar as potencialidades que a utilização da dança do item 8 Rainha do Folclore inferiu em jovens escolares.

Compreendendo a importância do saber sobre a grandiosidade das culturas populares e folclóricas, utilizamos o meio exploratório para desenvolver junto aos indivíduos em sala de aula a projeção temática da mulher amazônica como objeto de estudo. Nesse contexto, Gil (2019), “tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e construir hipóteses”. Completa ainda que, “proporcionaria uma intimidade em torno do objeto de estudo, buscando tornar mais acessível às informações coletadas através dos processos realizados com o público alvo da pesquisa”. (Idem, 2019).

Buscamos obter uma singularidade e percepção para que o público alvo tivesse uma criticidade dos assuntos abordados dentro da sala de aula. Proporcionando uma reparação e uma reação satisfatória no saber da realidade social e cultural da região amazônica.

Nesse contexto, estimulamos os sujeitos da pesquisa a se permitirem receber o conhecimento através da dança e suas possibilidades de utilizar outros recursos didáticos pedagógicos para suplementarem a aprendizagem sobre a temática proposta. Dessa forma, buscamos Fonseca apud Santos (2018), que consideram “a importância do uso de documentários, vídeos jornalísticos, midiáticos, bibliográficos, edições em revistas, entrevistas informais tanto para obter solução do problema quanto a resolução e progresso assistido, elaboração dinâmica de atividades e outros caminhos que aproximem uma interação de todos os envolvidos na pesquisa”. Através desses materiais, pudemos realizar o diferencial do processo de absorção de conhecimento que vieram enriquecer nossa pesquisa.

Para tanto, obtivemos o amparo da professora responsável em sala de aula e apoio pedagógico da escola para realizarmos de forma contínua a metodologia apropriada para que pudéssemos atingir os objetivos desta pesquisa junto aos indivíduos.

Buscando compreender e manter a importância da temática junto aos alunos, promovemos a análise cultural de forma sistemática e tendo como base prática a pesquisa-ação. Esse meio metodológico nos possibilitou ter experiências e vivências junto a instituição de forma artística prazerosa. Conforme Stringer (1996) e Thiollent (1997) que

incentiva a desenvolver conhecimento através da prática, avaliar as formas que são inseridas as ideias, ajustando nas intervenções e técnicas atribuídas nos movimentos do Item Rainha do Folclore.

Para a reflexão desse aprendizado adquirido, partimos dos ideais de conhecimento sobre a ação-participante que segundo os autores acima citados "... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo."

Dessa forma, mostramos aos alunos a representatividade feminina na dança do boi-bumbá, tendo o objetivo de adotar no processo ensino-aprendizagem desses jovens a dança como condutora dos conhecimentos regionais e folclóricos vivenciados no Item 8 do Festival Folclórico de Parintins, cujo o personagem trabalhado é a Rainha do Folclore.

Quanto ao delineamento (Procedimentos)

Essa pesquisa tratou-se de uma pesquisa de campo pois houve deslocamento até a escola para a coleta dos dados, onde desenvolvemos o estudo buscando pesquisar, experimentar e investigar a realidade e modificações das pessoas que fizeram parte da amostra. Conforme Gonçalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Proporcionamos na prática, mecanismos que abrangeram e facilitaram a aprendizagem dos alunos, com a interdisciplinaridade de outras áreas das artes para trabalhar o sentido cognitivo de cada um deles e a historicidade, em que utilizamos como mais importante a valorização do Item 8 – Rainha do Folclore no empoderamento feminino, por meio de um modelo atual de desempenho estruturado pelos jovens através dos estudos teoricamente abordados em sala de aula, com a convicção analítica em entender, recriar e valorizar a cultura popular regional de Parintins, fonte viva considerada patrimônio cultural de nosso Estado do Amazonas no Brasil e no mundo.

Com isso, a contribuição foi inserida de forma lúdica e dada a importância da pesquisa em avançar com o conhecimento utilizando o meio bibliográfico, onde os

autores com seus arsenais do saber, somaram na busca incessante de transmitir uma abordagem simples na revisão da literatura sobre a dança do boi-bumbá, a representatividade feminina e o empoderamento.

Nesse contexto, observamos a necessidade de desenvolver meios e explorar cada vez mais sobre os Itens Femininos do Festival de Parintins, em especial o Item 8 – Rainha do Folclore. O item Rainha do Folclore, carrega em sua simbologia a preservação do folclore e folguedos brasileiros e representa a beleza, graça e a força da mulher amazônica.

Lócus e Sujeitos da Pesquisa

Nosso estudo ocorreu na Escola Estadual Professora Ondina de Paula Ribeiro, com duas turmas do 1º ano do Ensino Médio, 1º I e II, do turno matutino totalizando aproximadamente 80 alunos com faixa etária de 14 a 16 anos sendo 30 do gênero feminino e 50 do gênero masculino, todavia e inicialmente apenas 30 meninas demonstraram interesse e curiosidade sobre o tema abordado, porém no desenrolar do trabalho apenas 12 mantiveram o interesse em participar do estudo. Dessa forma, definimos os nossos sujeitos naquelas que participaram do início ao fim da aplicação da pesquisa.

Assim, focamos a investigação de associar a cultura popular regional dentro das aulas de artes para descrever os frutos dessa introdução, aproveitando as palavras de Fals Borba (1983), que de acordo com ele, usamos esse tipo de pesquisa “quando corresponde às necessidades de populações que compreendem as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas e incentiva o desenvolvimento independente de absorção de conhecimentos formal e informal de cada indivíduo”. E enriquecemos essa ideia com a fala de Creswell (2007) na qual faz uma interação relatando a importância dessa técnica, prescrevendo sugestões em “diversos pontos de vista de análise” analisados antes, durante e depois da introdução do projeto na escola com os alunos e professores da disciplina de artes, centro da pesquisa.

Caracterização da Escola, comunidade e perfil dos alunos.

A Escola Estadual Professora Ondina de Paula Ribeiro, localizado no Japiim 1, na Cidade de Manaus, na Avenida Jorge Biváqua, S/N – Cep 68078-100 , telefone (092)

3216-3640, fundado em 23 de Novembro de 1982, com uma trajetória de 42 anos. Foi a escola escolhida para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, por ser uma instituição tradicional da cidade de Manaus e com uma brilhante história desde a sua criação até os dias atuais. Tem como gestor da instituição o Professor Mauricio Oliveira da Silva, Especialista em Metodologia da Pesquisa e Gestão Escolar.

O horário de funcionamento da escola é de segunda a sexta-feira. No turno matutino, o portão da escola abre as 07h00min. para entrada dos alunos e as 07h10min para os professores adentrarem nas salas de aula. No turno vespertino é as 13h00min para entrada de alunos e as 13h10min para os professores adentrarem nas salas de aula, cada aula dura em média 45 minutos, com intervalo de 15 minutos sendo no turno da manhã e tarde com os cinco tempos regulares.

O seu formato de ensino é medido de acordo com as modificações sistemáticas apropriadas ao ensino racional e prático de letras e ciências baseado no método de seriação progressiva, disciplina e caprichada educação de jovens estudantes de ensino médio para melhor desenvolvimento cognitivo e moral. A escola desde sua origem preserva a busca de um ideal renovador que perdure de geração em geração e conta com grandes profissionais qualificados no seu quadro educacional. No prédio houveram diversas alterações, mas mantendo algumas partes no modo tradicional, pois demonstra a importância de se ter um ensino de qualidade nesse ambiente educacional, tornando-se uma das escolas mais conceituadas do bairro. Com uma estrutura física construída em uma ampla área, possui 12 salas climatizadas e confortáveis, 1 quadra de esporte externa e coberta para uso metodológico das disciplinas e projetos interdisciplinares, laboratório de ciências para a realização de experimentos e aprendizado prático, biblioteca com uma sala de leitura para os estudantes, sala de informática e vários outros compartimentos distribuídos com identificação.

Na escola as atividades educacionais são realizadas em três turnos, no local de pesquisa estudam alunos entre 14 a 20 anos divididos nas séries de 1º 2º e 3º anos, de todas as classes sociais que são valorizadas com o importante ensino padrão e igualitário, preservando de maneira qualitativa o conhecimento recebido em sala de aula, seguindo o plano pedagógico desenvolvido para ser aplicado anualmente sem diferenciar os alunos por gêneros, raças ou cor, entre outros. Os alunos da atual geração que frequentam a escola são disciplinados e priorizam a educação que ali é compartilhada e são incentivados com o apoio familiar que assumem um papel importante para a permanência dos alunos na escola. No Artigo publicado no V Colóquio Internacional Paulo Freire

(Vasconcelos, 2005) dispõe da seguinte interpretação condizente a essa interação: “Processo interpessoal pelo quais indivíduos em contato modificam temporariamente seus comportamentos uns em relação aos outros, por uma estimulação recíproca contínua. A interação social é o modo comportamental fundamental em grupo. (Dicionário de Psicologia, p. 439)

A escola sendo um alicerce e com diálogo preserva a integridade dos alunos, visando o crescimento pessoal e profissional de cada um deles. Segundo Paulo Freire (1967, p. 66) “[...] o diálogo é um a relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”. O diálogo realmente é uma oportunidade primordial entre ambos os lados de atuações na escola. Isso é incentivado a todos que constitui o modelo tradicional vivenciado durante longos anos da escola no intuito de abraçar o conhecimento e perpassar de geração em geração. A escola demonstrou-se adepta a evolução do ensino e colabora nesse processo de aprendizagem dos alunos com recursos possíveis para a elaboração do plano de ensino, seguido pelos professores em sala de aula. Segundo Vera (2012):

O planejamento é imprescindível para o sucesso cognitivo do aluno e êxito no desenvolvimento do trabalho do professor, é como uma bússola que orienta a direção a ser seguida, pois quando o professor não planeja o aluno é o primeiro a perceber que algo ficou a desejar, por mais experiente que seja o docente, e esse é um dos fatores que contribuem para a indisciplina e o desinteresse na sala de aula. É importante que o planejar aconteça de forma sistematizada e contextualizada com o cotidiano do aluno – fator que desperta seu interesse e participação ativa. (Vera, 2012. p. 5)

Continuando essas orientações, a escola fixa seu modelo educacional recebendo a aceitação da comunidade e reconhecimento conceitual de instituição incentivadora de educação com qualidade. A Escola Estadual Professora Ondina de Paula Ribeiro, conhecida como *Poly* na linguagem popular dos moradores do bairro, por meio desses entendimentos coloca-se claramente na sua visão de futuro com o sucesso profissional e exercício da cidadania, com a missão de promover o desenvolvimento dos alunos nos respectivos aspectos cognitivos, afetivos e sociais, psicomotores e éticos, buscando ensinar os valores e crenças com métodos assertivos aos jovens que estudam na instituição de ensino.

4- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O ensino das artes tem um papel fundamental dentro e fora do âmbito educacional e está ligado as experiências e vivências de todos os indivíduos que compõe uma sociedade. É uma área relevante, incentivadora e importante para o desenvolvimento integral de alunos que tem a oportunidade de se descobrirem em uma das vertentes que as artes determinam. Tornando-se capaz de ser uma das disciplinas que prepara uma comunidade estudantil mais criativa, inclusiva e culturalmente rica.

Nesse contexto cultural e de grande produtividade, começamos o desenvolvimento de pesquisa no campo, no dia 06/02/2023, na Escola Estadual Ondina de Paula Ribeiro. Um dia que iniciou cheio de esperança e positividade na busca de resultados significativos dentro da perspectiva em que a temática abordada solicita para um grande aprendizado e troca de conhecimentos culturais formais e informais junto aos alunos da instituição. Nanni (2003, p. 47), considera que “as instituições onde o ensino se dá são atravessadas por esses interesses porque fazem parte do mundo das organizações do tipo burocrático, no que se refere à maneira de regulamentação formal e do exercício de poder”.

Felizmente e prazerosamente, tivemos uma recepção calorosa pela gestão do educandário e toda a sua equipe pedagógica, onde demonstraram total interesse em nossa pesquisa e dispostos a somar e conhecer todos os métodos assertivos para o desenvolvimento desta pesquisa.

A fim de nos incluir nas atividades da escola, dialogamos com os professores, fizemos interação interdisciplinar com a temática escolhida e verificamos os horários disponíveis para iniciar o nosso processo de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula com os alunos. Nesse momento, optamos por conhecer toda a estrutura da escola, local possível para as atividades práticas e os alunos, principais sujeitos de importância dessa pesquisa, que se organizavam para iniciar sua rotina estudantil na referida instituição.

Conhecemos a professora atuante na disciplina de Artes e verificamos a sua formação e logo, tivemos o conhecimento que sua especialização era em Física e estava de maneira interdisciplinar na disciplina em que iríamos promover a pesquisa. A interdisciplinaridade é uma abordagem educacional que integra conceitos, métodos e perspectivas diferentes que podem desenvolver uma criatividade mais complexa, uma

críticidade, compreensão, colaboração para um aprendizado mais eficaz, prático e prazeroso quando o mestre em sala de aula apresenta a sua dinâmica em contribuir com os seus conhecimentos, seja eles de sua formação ou em outra disciplina em que se desafia a ministrar.

Esse desafio, já perpassa por vários anos diante da educação brasileira e na formação de professores, pois comumente ainda estão submetidos a exercer jornadas exaustivas para complementar as atividades semanais e cumprir com a grade profissional exigida dentro das escolas. Essa prática faz com que professores se tornem polivalentes e diante dessa premissa, não valorizando o profissional que realmente se forma e se especializa em Artes para estar na função desse servidor. Mas possibilita desenvolver didaticamente a metodologia como assegura a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Estabelecida e homologada no dia 20 de dezembro de 2017 pelo ministro da Educação Mendonça Filho, a BNCC (2017) dita no componente curricular Arte que,

as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.

Sabe-se que o ensino da Arte visa desenvolver a criatividade, expressão artística e apreciação estética nos alunos nas faixas etárias e séries que eles estão matriculados. Com isso, o processo de ensino-aprendizagem abrange as vertentes como desenho, pintura, escultura, música, teatro, fotografia, cinema e dança, nosso principal meio metodológico da pesquisa.

Diante dessas informações, sabemos que os desafios seriam grandes, mas todos vencidos com a cooperação da professora e dos alunos que participaram dessa pesquisa. Buscamos então conhecer os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, uma média de 80 alunos do turno matutino, onde logo no primeiro contato tivemos com excelência a aceitação para desenvolver o estudo e despertamos a curiosidade em todos.

Como obstáculo, tivemos o espaço e tempo como meios desafiadores da nossa proposta, pois todos os professores têm seus planejamentos anuais desenvolvidos junto a equipe pedagógica, com isso tivemos que nos adaptar aos dias que nos foi concedido para a aplicação didática e metodológica de nossa pesquisa.

Essa questão do tempo é referente aos minutos disponibilizados que se torna padrão em todas as instituições de ensino, são 45min que podem ser explorados de maneira assertiva ou não. Nesse contexto, fizemos a programação e propostas ao professor e aos alunos em desenvolver cinco processos de pesquisa, sendo eles, todos teórico-práticos para melhor aproveitamento e aplicação do conhecimento de nossa temática.

Tivemos a oportunidade de utilizar dois tempos seguidos da professora nos dias em que foi acordada a aplicação da nossa metodologia e com isso já fizemos o nosso primeiro momento de observação e o desafio maior, fazer a prática da Dança como resultado dessa pesquisa.

Levamos a proposta de gênero para enriquecer a nossa pesquisa, que aborda o empoderamento feminino na sociedade através da representatividade de uma personagem do Festival de Parintins, o item 8 do regulamento chamada Rainha do Folclore. E percebemos que a Dança atualmente ainda se torna um meio de preconceito pela maioria dos alunos de nossa pesquisa, por esse motivo, dos 80 alunos iniciais encerramos nossa pesquisa com 12 mulheres que efetivamente se mostraram interessadas em ser um diferencial no contexto da representatividade da mulher amazônida.

Enfim, gostaríamos de pontuar que a Escola Estadual Professora Ondina de Paula Ribeiro, foi escolhida pelo fato de ser uma instituição considerada de excelência na visão sociopolítica e cultural dos indivíduos pesquisadores.

1º Processo “Observar, agir, idealizar, adaptar e somar”

Quinta-feira

Dia 09/02/2023

Horário: 10:00 as 11:30

O processo iniciou com a receptividade dos alunos, em uma euforia de pós horário de intervalo ou comumente falado “hora do recreio ou hora da merenda” e sentimos o primeiro desafio, voltar à calma dos alunos para assim dar prosseguimento nas atividades e claro ter a atenção deles em relação aos estudos com a professora em sala de aula. Queremos destacar aqui, que nesse primeiro processo participaram os alunos das duas turmas do 1º ano composta por ambos os gêneros, ou seja, entre 70 e 80 corpos juvenis. No primeiro momento, acionamos o lado crítico de observação e verificamos a rotina dos alunos referente a disciplina com a professora. Percebemos a interação entre eles, o

material didático e artístico explorado e a estrutura da sala de aula para futuras atividades teórico-práticas.

Logo, percebemos a autonomia e segurança da professora e seu modo avaliativo nas atividades programadas para o ano letivo e de como exigirá a entrega de trabalhos, realizações de provas e outras formas que possam garantir o ensino-aprendizagem de todos os alunos. Com relação as atitudes corporais visíveis a nossa percepção, Nanni (2003, p. 60) indica que “o corpo é o local das ações, emoções, fantasias e desejos que geram significações explícitas pela expressão corporal (atitudes, sentimentos) realizada pelos gestos e movimentos em ação e representação dos vários tipos de corpos”. Por estar cumprindo uma disciplina que não é de sua formação, a polivalência não a deixou sem ter um planejamento criativo, didático e prazeroso aos alunos. Com isso, notamos as possibilidades e sugestões, que juntos a eles, poderíamos criar durante todo o processo da pesquisa.

Dando uma importância e notoriedade, o ensino das artes aplicada no ensino médio nos faz “pensar, repensar, refletir” no quão é grandioso buscar incluir na rotina dos jovens, aprimorando o que eles têm de melhor na área artística, que muitas vezes fica isolada e guardada por falta de incentivo dos pais ou de pessoas que não tem um olhar crítico e visionário para aquele aluno que nasce com um dom, talento a ser explorado e vivenciado no mundo das artes. Setenta (2008, p. 11) considera que “o jeito como se pratica a observação, de modo geral, está comprometido com crenças e compreensões do mundo ainda muito estabelecidas por entendimentos de essência, origem, verdade, certeza”.

Nas escolas, o ensino das artes inicia desde que o aluno entra em uma sala de aula para ter a aprendizagem ampla de todas as áreas de conhecimento e seguindo as normas aplicadas para cada faixa etária. Estes, desenvolvem atividades artísticas prazerosas que trazem benefícios infinitos na vida de cada ser humano. Ao chegar no Ensino Médio, terão um outro olhar do mundo em que vivem, buscarão ter a criticidade sobre assuntos artísticos que farão parte de sua vida inteira e irão visualizar com um olhar diferente o mundo ao seu redor, observando aspectos importantes através do conhecimento geral das Artes.

Continuamos o nosso primeiro dia de processo e em sequência, a professora nos autorizou a falar sobre a nossa proposta, de como aplicaríamos a pesquisa, em uma apresentação formal e com os alunos organizados e atentos sobre a temática que abordaríamos, e o tempo que teríamos em sala para ter o nosso resultado.

Com isso, demos a ideia de mudar a posição das cadeiras e nos organizar em círculo, para uma roda de conversa, onde pudemos olhar para cada aluno e sentir que a partir dali, seria o início de um grande resultado de pesquisa. Sabendo que nos dias dos nossos encontros se tornariam memoráveis e de aprendizagem cultural.

Percebemos a curiosidades da maioria, mas sempre com alguns dispersos, conversando, alguns sem dar muita importância. Nanni (2003, p. 68) informa que “a percepção varia de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo e requer atividade integrada de várias estruturas cerebrais e dos receptores específicos dos órgãos dos sentidos”. Mas, isso não seria um obstáculo maior, pois acreditamos no processo e no que ele seria capaz de mudar na capacidade crítica desses jovens em sala de aula. Nanni (2003, p.70) colabora mais uma vez ao dizer que, “o homem, no percurso de sua evolução, apresentou sempre propriedade afetivas ou motivacionais que geravam as sensações percebidas”.

Nesse primeiro momento de processo, trocamos conhecimentos e informações sobre a temática de nossa pesquisa, validando todos os discursos desenvolvidos em conjunto, numa forma de ensino-aprendizagem. Utilizamos uma forma mais dinâmica e como metodologia, preparei a aplicação de uma aula tradicional, usando o quadro, pincel e a entonação vocal. A maioria tinha aparelho celular em mãos e ao perceber, coloquei como meio didático para pesquisa de alguma informação ou forma deles observarem a nossa temática com mais curiosidade.

Seria esse o primeiro desafio vencido? Não, a vida de professor realmente não é nada fácil. Buscar pensar e usar apenas os materiais básicos como forma de introdução tem que ter uma segurança máxima de conhecimento e mostrar aos alunos que esta sempre por dentro do assunto e disposta a dialogar caso tenha alguma indagação. Conforme aponta Silva e Soares (2010, p. 92) “ir para a escola e estar na sala de aula parece não ser a mesma coisa para os(as) estudantes. A escola pode significar aguentar aulas monótonas, relações difíceis com professores(as), mas também pode significar encontrar os(as) amigos(as), escutar música, namorar, brigar, bater um papo, estar conectado, entre outros”.

Confesso que a decisão de iniciar dessa maneira a atividade em sala de aula foi para sentir e vivenciar a realidade que todos os mestres da educação têm em suas rotinas diárias de trabalho e poder contextualizar o tema, discutir assuntos pertinentes que foram os motivos que me trouxeram até aqui como pesquisadora.

Percebi que para ter êxito na nossa proposta de investigação, tinha que me disponibilizar por inteira e participar ativamente na busca de informações e dos objetivos que fariam dessa pesquisa um marco na minha história acadêmica e como pesquisadora cultural. E com isso, como proposta de ensino-aprendizagem, incluir e introduzir a Dança como vertente principal nas atividades dos alunos e claro, acionarmos de maneira educacional a interdisciplinaridade com as outras que compõe a disciplina de Artes.

Tornar cada vez mais próximo dos jovens o conhecimento cultural de onde eles vivem, somando ao processo dinâmico de aprendizagem, reconhecimento, valorização e ao ser crítico na observação da Cultura Popular Amazônica no ensino em sala de aula.

Então nesse primeiro dia, com as duas turmas quase completas, sala cheia, as novidades da pesquisa, a intensa curiosidade de todos, e a dispersão de vários, explicamos todo o nosso planejamento, falamos da cultura popular amazônica e do auto do boi.

2º Processo “A curiosidade, o diálogo, a prática com reciprocidade”

Quinta-feira

Dia 16/02/2023

Horário: 10:00 as 11:30

Nesse segundo processo, tornamos a modificar a posição das cadeiras e posicionar em círculo, pensando no espaço centralizado para possíveis práticas. Iniciamos introduzindo como materiais didáticos os meios midiáticos para somar no processo de ensino-aprendizagem e facilitar o conhecimento sobre cultura e folclore.

Uma atividade não tão diferente da rotina que os professores usam no seu dia a dia, fizemos dessa aula um meio dinâmico para definir o conceito de cultura, folclore e cultura popular através das falas informais oriunda dos alunos, visto que por serem jovens, já haviam passado por outros professores que os ensinaram sobre essas temáticas. Eles relataram que já tinham ouvido falar do Festival de Parintins, e não sabiam quais eram os itens, tinham aprendido apenas os conceitos de folclore e cultura, porém não souberam verbalizar naquele momento, alguns ainda procuraram respostas no celular tentando burlar a investigação. Silva e Soares (2010, p.83) apontam que,

Em um trabalho sobre jovens estudantes, os autores constataam que há expressões de sentimentos de pânico moral nas instituições de ensino em relação ao jovens contemporâneos. Esses estudiosos apontam que tais jovens parecem apresentar novas necessidades e capacidades. São jovens que, entre outras coisas, cresceram imersos numa cultura de mídia. São jovens que

parecem produzir, nas escolas, uma incomunicabilidade entre eles(as) e seus professores(as).

Perguntamos aos alunos se já haviam recebido teorias e práticas da temática abordada e como definiam na sua visão crítica. Muitos disseram que sim, deram suas opiniões evasivas e sem contexto e poucos conseguiram se posicionar, acredito que por questões pessoais e da forma de expressar que são mais tímidos. Mais uma vez recorremos a Silva e Soares (2010, p. 88) ao falarem que “em uma tal pesquisa revela também que apesar de essa geração ser a mais bem informada de todos os tempos, não consegue utilizar de maneira produtiva o volume de dados que recebe”.

Realizamos a recepção da turma, apresentamos a temática, verificamos a curiosidade dos alunos e falamos sobre o Festival de Parintins e sobre a mulher na sociedade. Iniciamos o processo coreográfico com informações de empoderamento feminino e a representatividade do item 08 – Rainha do Folclore no Festival de Parintins e no cotidiano, realizamos o aquecimento ensinando o 2 pra lá e 2 pra cá, seguimos explicando os movimentos mais comuns do Item, logo após fizemos a divisão de grupos para trios e duplas, escolhendo uma aluna para dançar individualmente a coreografia repassada, solicitamos um exercício para casa de ensaiarem e trazerem novidades, incentivando a busca pela performance de outras mulheres que já foram item 08 para trazer como representatividade e improviso.

Na aula seguinte revisamos os movimentos, verificamos a improvisação e em qual item 08 – Rainha do Folclore a aluna mais se identificou e se inspirou nos movimentos, finalizamos com uma roda de conversa para tirar as dúvidas e agradecer pela acolhida, perguntamos se gostaram e o que tiraram dessa experiência. Couto (2010, p. 177) reverbera que “no corpo, cada vez existe menos hiato entre a imaginação e o que pode ser realizado” e ainda que, “cada um pode dispor das formas sonhadas, modificar e compor a aparência desejada, reforçar e dinamizar o funcionamento do seu organismo”. (Idem, 2010, p.177).

Sobre as temáticas que colocamos como estudo do processo, as respostas fluíram de maneira divertida, muitos conseguiram identificar os significados e de forma simples, sem grandes frases, responderam com adjetivos e logo em seguida foram completados com outros significados pelos outros colegas de classe. Nesse contexto, acreditamos no que Abreu e Franco (2008, p. 115) relatam que:

Todo o processo de ensino deve ser conduzido para atingirmos de forma a proporcionar a aprendizagem significativa de nosso aluno, proporcionando a ele não apenas o conteúdo formativo, mas possibilidade de interagir com este em seu meio social, tornando-o agente de reflexo – ação da vida em sociedade.

Em relato, a aluna MB esclareceu o seguinte:

Conheço o festival e conheço também a Rainha do Folclore, pois nasci e me criei envolvida pela cultura do boi através dos meus pais, então imagino que ela é uma mulher sábia, determinada, guerreira, forte principalmente bela. Já representei esse item e me senti realizada mas como uma experiência nova, um desafio e porque no meu ver é uma responsabilidade muito grande. Me esforcei bastante para aprender os passos e a expressão elegante da rainha, o olhar de guerreira e quero repetir mais vezes.(MB, entrevista, 2023).

MB ainda complementou a sua fala dizendo que: “dançar o boi-bumbá foi desafiador, mas foi umas das melhores experiências que tive na minha vida juntamente com os meus colegas de sala, pois demos o nosso melhor na dança e esperamos dançar mais vezes”. (MB, entrevista, 2023). Tadra et all (2009, p. 81) norteia que “caberá ao professor propor questões e temas para o desenvolvimento lento e progressivo da capacidade de interação do grupo, sendo que inicialmente as atividades devem ser de cooperação e colaboração”.

A aluna GL também nos relatou que:

Já tinha ouvido falar e visto na televisão a Rainha do Folclore, que observei que ela tem uma grande representatividade cultural, pois mostra as suas lendas, seus costumes, esbanja magia, carisma, algo surreal que poucas conseguem incorporar. Eu acho importante focar nisso pois poucas conseguem esbanjar, incorporar, representar verdadeiramente a nossa cultura e mostrar o carisma amazônico. Imagino a Rainha do Folclore como uma guardiã que representa a ancestralidade e a descendência dos povos originários e negros. Acho que deve ser uma sensação indescritível, inexplicável e maravilhosa representar algo tão importante da nossa cultura. Depois da sua explicação professora, é que eu entendi a importância dela. (GL, entrevista, 2023).

É importante ressaltar conforme aponta Tadra et all (2009, p. 80) que, “em todos os momentos possíveis, o professor deve encorajar seus alunos a experimentar, investigar, explorar, permitir-se a ter ideias, comportamentos e reações, aceitando-as e transformando-as; improvisar e aplicar os movimentos explorados a sua própria maneira”.

No assunto dançar boi no geral, ela diz que no começo foi um pouco complicado, pois, ao somente observar parece “fácil” mas ao dançar entendeu que precisa demonstrar força, muita garra e que na hora de dançar sentiu o poder e a garra de fazer os passos, mas foi uma experiência inexplicável e maravilhosa, ela finalizou dizendo “dançar boi é se entregar com garra e força”. (GL, entrevista, 2023).

Muitos alunos me fizeram refletir como pesquisadora cultural, as respostas mesmo por serem curtas, mas objetivas, me mostrou que o nosso ensino pode evoluir cada vez mais e que os alunos devem sim aprender sobre a sua realidade cultural, dos meios que se utilizam da cultura para nortear os seus objetivos, missões e visão de mundo, fazendo ser perceptível a falta de conhecimento sobre algo que também é importante para o seu crescimento e desenvolvimento dentro da sociedade em que vivem.

Fizemos uma atividade que relembresse a infância, mostrando o saber cultural e o conhecimento que passa de gerações e se mantém viva até os dias atuais. Mesmo com a tecnologia e o uso de telas que hoje toma conta da grande maioria, conseguimos realizar de forma prazerosas as brincadeiras que envolvesse a temática do folclore, cultura e cultura popular. As brincadeiras como: “Morto e Vivo”, “Guarda o anelzinho”, “Telefone sem fio”, “Mímica e adivinhações”.

Um processo cheio de conhecimento e que deixamos como ponto principal a brincadeira do Boi-bumbá. Que pela curiosidade de como seria o próximo dia, os alunos refletiram sobre o que aprenderam e relataram como foi a abordagem crítica dessas informações. Contribuindo em palavras a esse primeiro contato teórico-prático, Ferraz (2009) nos mostra as possibilidades e a busca sobre os meios de atingir de imediato o objetivo de nossa pesquisa, indicando que:

[...] Não é procurando unicamente uma produção final, nem atribuindo aos alunos um número infundável de “técnicas”, que atingiremos as metas (...). Mais do que isso, importa a observação de como e o que é definido no transcorrer das aulas de arte. Ou seja, estamos falando em uma educação da práxis artística, preocupada com o aprofundamento de conceitos, critérios e processos que levam (...) a dominarem a linguagem específica da arte. (FERRAZ, 2009, p. 58-59).

E com isso demos prosseguimento a nossa pesquisa com um olhar mais atento, intuitivo, acessível e sensível daquilo que podíamos realizar a mais nesse processo de ensino – aprendizagem dos jovens.

3º Processo “O saber popular, diálogo de igualdade e respeito, visão crítica”

Quinta-feira

Dia 09/03/2023

Horário: 10:00 as 11:30

Nesse terceiro processo, preparamos um meio de tornar mais dinâmico e prazeroso o conhecimento que seria aplicado em sala de aula. A roda de conversa já se fez presente e parte da nossa atividade com os alunos. E ao entrar em sala de aula, as alunas já estavam em círculo nos aguardando para iniciarmos mais um dia de ensino-aprendizagem. Nesse momento, fiquei até confiante pela forma de que fui recebida, as alunas sempre vêm com a energia triplicada do intervalo e já havia me preparado para manter a disciplina e usar essa energia para a atividade de dança que desenvolveríamos no dia e no centro de nossa roda de conversa. Mais uma vez buscamos Tadra et all (2009, p. 51) para informar que,

Acostumados a desfrutarmos da dança somente em seu caráter associado ao lazer, podemos não entender seu conceito como área de conhecimento. Por sua singularidade, a dança, assim como ocorre em outras linguagens artísticas, não almeja a compreensão dos seus objetivos de maneira unilateral, linear, isto é, seus conceitos não são vislumbrados de modo único, não havendo assim questão absoluta. Interessa por outro lado, o desafio de criar, comunicar, instigar saberes e construir significados através de seus processos.

Falamos sobre as aulas anteriores, busquei identificar se o assunto ainda estava em suas memórias e discutimos assuntos relevantes que os alunos indagaram. Parecia que esperaram por esse momento com muito entusiasmo ou porque não teria a atividade da disciplina de Física com a professora. E sim, a maioria estava dando “graças a Deus” por eu ter vindo ministrar a aula de nossa pesquisa. Com isso, não me acomodei e não deixei passar sem importância a atividade que havia planejado e o significado que ela teria nos meus resultados para essa pesquisa.

Retornamos novamente a nossa proposta de ensino, a cultura popular Amazônica Boi – Bumbá de Parintins e todos os elementos que formam o saber dessa manifestação e a importância de se aplicar no meio educacional. Com o uso de meios midiáticos, iniciamos então com a apresentação de um vídeo curto que falavam sobre a diferença do “Bumba-meu-boi e do Boi-Bumbá”, o vídeo está como temática das Festas Brasileiras e tem animações com informações superinteressantes e objetivas, que favoreceu bastante para o início da aula.

Aguçamos a curiosidade e buscamos a interação abrindo cada vez mais o espaço de interesse dos alunos antes e após a prática elaborada. E através de um questionário informal, antes de começar o nosso processo de ensino, perguntei novamente sobre se alguém conhecia o festival de Parintins, se já haviam assistido pessoalmente ou por transmissão televisiva, ou outros meios de comunicação. Perguntamos ainda quem não ouviu, viu e também quem não gosta de Boi Bumbá.

Essas perguntas foram necessárias e essenciais para nos permitir fazer com que as alunas tenham acesso as informações de culturas que estão no nosso meio e que fazem parte da nossa história. E a disciplina de Artes, que é nossa principal fonte de conhecimento para auxiliar-nos nesse processo, assim como Mõndiger (2012) nos relata que devemos:

Refletir sobre a concepção que temos das artes e o que implica ensinar artes na escola é fundamental, pois isso subsidia nossas escolhas metodológicas, conteúdos, competências e processos de avaliação, influenciando nas decisões pedagógicas a adotar. [...] Vivemos conectados pela internet, pelas redes de relacionamento. O conteúdo, a notícia, o acontecimento estão cada vez mais disponíveis no momento imediato (...) basta digitarmos palavras-chaves em um site de busca e imediatamente obtemos a resposta. [...] Os conteúdos são importantes, mas só adquirem sentido quando estão conectados com outros e áreas de conhecimento, com a vida que temos e a que desejamos. (MÕNDIGER, 2012, p.50-51).

A escolha de aplicar a pesquisa no componente curricular Arte nos dá a liberdade de referenciar o assunto e o que podemos absorver nesse contato grupo ou individual. Fazendo perceber que através das perguntas iniciais, deram fortemente o caminho sobre a intensidade e necessidade aprendizagem de uma cultura amazônica. Nesse contexto, buscamos Abreu (2024) que exalta o seguinte: “a cultura Amazônica, assim como a brasileira é rica na sua diversidade. Lendas, danças, festas e folguedos fazem parte da vida cotidiana do povo do norte, que tem orgulho de divulgar a sua cultura para o mundo”.

Informamos então que a disciplina de artes tem a importância de ensinar a todos e o que cada um pode se beneficiar em relação ao conhecimento de interdisciplinaridade de suas vertentes em prol da educação.

Todos educam, mas professores são profissionais da educação. Professores têm uma função social específica nas redes sociais da educação. A função social do professor vai além das vivências e convivências conscientes que permitem a criação de redes educadoras nas cidades polifônicas em que vivemos. A profissão de professor cabe a tarefa eminente de ensinar e aprender, contidos no ato de educar. (Marques, 2009, p. 16).

Em décadas passadas educação e cultura faziam parte no mesmo ministério dada a importância de ambas. Falando de cultura, a Cultura Popular Amazônica Boi – Bumbá de Parintins é rica de ensinamentos em todas as áreas de conhecimento e com as Artes não seria diferente. Nas esferas educacionais artísticas, podemos visualizar que “o Boi – Bumbá remete a produções significativas que podem ser utilizadas para o saber de um povo e a criticidade dos jovens, sujeitos de nossa pesquisa”. (Santos, 2018, p. 65-66)

Assim como nos outros processos, algumas das alunas não demonstravam interesse em aprender, mas os meios midiáticos que levamos como proposta de ensino-aprendizagem, possibilitaram que essas se interessassem sobre a temática e tornaram-se algumas vezes participativas quando foram indagadas. Acredito que para elas, vinha em suas mentes a seguinte questão: O que eu vou aprender realmente com o Boi Bumbá?

Um desafio a enfrentar como pesquisadora chegaria finalmente, pois sabemos que estamos sempre ligados a cultura e através do conhecimento podemos chegar a outras gerações. E com isso, dialogamos sobre a cultura amazônica desde o seu processo de migração e criação, os povos da nossa região e seus hábitos, as belezas naturais, o cotidiano e vivências em sociedade e todos os questionamentos que são apresentados de forma teatral no Festival de Parintins, com o Boi – Bumbá.

Dando relevância e importância necessária, a metodologia que estamos aplicando para buscar os resultados dessa pesquisa também segue a inspiração no discurso que Marques (2010) retrata que:

Os sistemas de ensino aprendizagem se servem de metodologias de ensino para abrir e (re)escrever passagens, caminhos e trajetórias na educação (...). Não é qualquer proposta metodológica que propõe a construção de redes de relações abertas (...) de construção de conhecimento com os alunos em sociedade. [...] A escolha de percursos, caminhos e trajetórias de ensino diz respeito a todos os espaços em que se estabeleçam relações de quem-ensina-quem-aprende e o conhecimento, e, portanto, não é restrita às escolas formais e tampouco às crianças ou aos jovens. (Marques, 2010, p. 53).

Com essas palavras, Marques (2010) nos mostra que estamos no caminho certo e próximo do nosso objetivo ser alcançado. Mesmo sabendo que o obstáculo é o tempo em sala de aula e a disposição concedida a nós, se torna motivação para ter sucesso ao final dessa pesquisa.

Continuamos a mostrar sobre o Festival de Parintins e toda a sua história de pertencimento na região e da importância para o turismo local e do nosso estado. A escola sempre esteve mantendo a cultura do boi-bumbá em atividades recreativas e temáticas,

mas em períodos em que a data de festas juninas se aproxima ou quando tem feiras pedagógicas.

Isso me deixou orgulhosa, por saber que estava em um lugar que valoriza a cultura amazônica e pela pesquisa que já estava em desenvolvimento. Assim como Abreu e Franco (2008, p.112) apud Santos (2018) relatam dessa importância e informam que é no “campo educacional que a cultura folclórica pode ganhar uma forma privilegiada, tendo a escola como um dos lugares consagrados à formação dos indivíduos e à sua integração numa comunidade de iguais...”. (Abreu e Franco, 2008, p. 112)

No início de nossa aula, através do vídeo, explanamos a diferença que o Bumba-meu-boi tem do Boi – Bumbá. E dando ênfase aos fatos na cultura do Boi- Bumbá, colocamos em ação as vertentes que caracterizam a história que se refere a trajetória do Boi de Terreiro, Boi de Rua e Boi de Arena. Um resumo do que cada uma fez para o crescimento cultural dessa manifestação mundialmente conhecida.

Os significados estudados dessa manifestação, caracterizam o povo caboclo da região e dão suporte ao deferimento para ter a exaltação folclórica dessa cultura rica em todos os parâmetros. A diferença é crescente, onde uma cultura nascida em terreiros, passa por transformações e evoluções, alçando as ruas da cidade e por sua grandiosidade, precisar se encaixar num novo formato. Formato esse que eleva a brincadeira do Boi e mostra ao mundo num espetáculo cheio de criações artísticas divinas, numa disputa realizada no Bumbódromo.

Fizemos então a ilustração através dos vídeos, os itens que estão atualmente ligados a apresentação no festival, o regulamento e o que cada item é julgado dentro da perspectiva dos torcedores e jurados escolhidos pela organização da festa.

Elaboramos e planejamos uma aula teórico-prática e chegamos ao fim desse terceiro processo satisfeitos. Dançamos a toada que se tornou conhecida mundialmente “Tic Tic Tac”, de Braulino Lima e levada mundo a fora com a Banda Carrapicho.

4º Processo “Dança, gênero e sexualidade, símbolo de resistência”

Quinta-feira

Dia 16/03/2023

Horário: 10:00 as 11:30

Chegamos ao quarto processo, um desafio desde a elaboração de planejamento até a chegada a escola. Os pensamentos sempre positivos, mas com a incerteza de que

conseguiria ou não idealizar o que estava desenvolvendo para as alunas. Pois era o dia em que incluiria a vertente principal e objetiva de minha pesquisa.

Nesse momento, o campo de pesquisa já estava a minha espera e solicitei que fizéssemos uma grande roda, mas que nos sentaríamos ao chão, pois a atividade também seria prática. Todas até então, demonstraram ser participativas e fui dialogando, fazendo perguntas com retrospectivas das nossas atividades já realizadas, da importância de cada tema abordado e o que cada uma estava aprendendo e levando para sua vida.

Antes de informar a atividade que desenvolveríamos, percebi o significado que Sampaio (2014) relata sobre a Dança e expressão, em seu pensamento sobre o artista que se esforça para exprimir todo o seu sentimento e procura resgatar essas sensações corporais, fortemente contagiando a quem olha para ela. São qualidades expressivas dessa arte onde a imaginação é um apelo que emerge do espírito.

E através disso, fazer a Dança como fator principal de nossa pesquisa e verificar quais métodos usar para que os alunos se permitissem aprender e praticar. Visto que o Boi – Bumbá através da dança se torna ainda mais conhecido e se torna uma vertente das artes. Em relação a dança na escola, Porpino (2018) enfatiza as possibilidades, relatando positivamente que:

Considerando a necessidade dessa reforma do pensamento no contexto da educação, pensemos na dança como um educar que possa incluir a diversidade, o diálogo entre múltiplos aspectos da existência, a plasticidade do corpóreo e a beleza como dimensões necessárias e inerentes ao viver. Neste contexto, o aprender pode significar não somente entrar em contato com um mundo de sentidos já estabelecidos pela humanidade, mas também a transgressão de tais sentidos já formulados na criação de outros. (PORPINO, 2018, p.114).

Envolvendo todos sujeitos dessa pesquisa para a prática da Dança, fiz mais uma vez os questionamentos de forma informal. Perguntei se alguém da turma fazia aulas de dança, se participava de algum grupo, algum projeto da escola ou fora dela, na igreja ou se praticou alguma vez e todas deram suas respostas. A maioria disseram que não, não tinham vivências na dança e senti algumas com preconceito com quem a praticava. Outras respostas eram de que faziam parte de projeto da escola, nas atividades de Educação Física por notas, umas praticavam Danças Urbanas, algumas o Balé e outras a Dança Folclórica.

Segundo Portinari (1989), ela nos diz que “nenhum povo existe sem dança, mas todas as formas são apreciadas”, e que no mundo existe diversos estilos e formas de se dançar, cada uma com suas peculiaridades, referências, personalidades e preferências.

Para desenvolver uma atividade mais dinâmica e assertiva, utilizei o espaço e começamos um trabalho de consciência corporal, onde coloquei uma Toada de Boi Acústica para iniciar a proposta, trabalhando o estímulo apenas com a voz para determinar o comando e deixar fluir movimentos que cada corpo me mostrasse. Sampaio (2014) nos informa que a consciência corporal:

É grande aliada da improvisação e ajuda a descobrir cada estímulo do corpo. Podemos aprender e aprender sentindo a força de contrações, por exemplo, que exerce no nosso corpo no processo criativo. O ritmo, a musicalidade, o equilíbrio fluem expondo expressões e sentimentos verdadeiros, de forma a estabelecer e passar ao público aquilo que se quer dizer com o instrumento de trabalho, o nosso corpo, expressando a beleza do gesto em movimento. (SAMPAIO, 2014, p. 89).

Esse momento foi incrível, conseguimos que todas participassem e demonstraram estar atenta ao comando de voz atribuídos no desenvolvimento da prática de consciência corporal. Sempre informando que a dança é para todos e que ela não define a sexualidade de ninguém e não define se você é profissional ou não para praticá-la. Laban (1985) apud Marques (2010) nos informa que:

Nas escolas onde a arte-educação é fomentada, não objetivamos a perfeição artística ou a criação de espetáculos de danças sensacionais, mas o efeito benéfico da experiência criativa da dança sobre a personalidade do aluno. A questão de produzir danças em escolas deve ser tratada, portanto, com muita delicadeza e deve seguir regras definitivas e procedimentos discutidos detalhadamente. (LABAN, 1985, apud MARQUES, 2010, p. 79).

Nesse contexto, senti a necessidade de tratarmos sobre gênero e sexualidade, o empoderamento feminino e outros fatores que influenciariam o decorrer das atividades. O preconceito é visível em todo lugar e no âmbito educacional, como pesquisadora e professora, tenho a missão de ser o diferencial na busca de igualdade para todos. Assim como afirma Bozi et al (2008) que o preconceito constitui-se de uma questão grave e já existe enraizada na sociedade e, principalmente na escola. E antigamente não existia a definição correta até ser configurada como *Bullyng*. Que segundo Pinsky (2006) “as pessoas levam o preconceito e a discriminação como forma de brincadeiras, piadinhas, entretenimento maldoso, sem nenhum pudor e acham que não tem significados”.

E isso acontece em todos os lugares e momentos, tanto o homem quanto a mulher que praticam dança, sempre estão sendo taxados, objetivados e tantas outras palavras quando se tem o preconceito como raiz do problema. Mas o professor na escola tem a

autonomia e possibilidades de reconhecer devido a trabalhar com indivíduos de todas as formas, tamanhos, gênero, etnia e classe social.

Dando prosseguimento a atividade teórico-prática, começamos a ensinar o “Dois pra lá e Dois pra cá”, os movimentos coreográficos da toada Ritmo Quente, numa proposta de avançar na inclusão de aprendizagem da cultura amazônica e fazer mais jovens se interessarem pelo Boi-bumbá de uma forma mais complexa e assertiva dentro do conhecimento sociocultural. Não apenas ensinando a dança, mas todo um significado que os movimentos da dança têm, as letras poéticas das toadas e a melodia que é vibrante, contagiante e encanta quando se envolve nesse misto de emoções.

Ressaltamos ainda que a observação da pesquisa seria um meio de ter um resultado mais complexo e com as atividades assertivas para obter o êxito. Assim como Laban apud Marques (2010, p.79) nos permite refletir com a descrição de que o resultado pode não ser uma obra artística grandiosa, porém deverá ser apresentada com uma “plena participação interna, com clareza das formas e que não deve se originar do desejo de criar trabalhos notáveis”.

Nesse contexto, elencamos que a prática da dança em nossas atividades não seria para ganho de notas especificamente pela participação na pesquisa. Mas sim, dando a importância no que estávamos proporcionando aos alunos e a nós como pesquisadores culturais.

O processo prático foi construído de forma dinâmica e após dançarmos a toada de Boi – Bumbá, dialogamos sobre a presença feminina dentro das apresentações do espetáculo no Festival de Parintins. Contribuindo com os estudos realizados sobre o empoderamento feminino e sua representatividade dentro da cultura amazônica.

Visto que a mulher para ter autonomia e conquistar seus direitos, passou por muitos obstáculos e ainda passa por vivermos em uma sociedade machista e não tinham visibilidade para tais coisas.

Na dança, as mulheres participavam de certos rituais e eventos, mas em período como exemplo na Grécia do século VI à V a.C foi retirada da dança teatral e que a partir daquele momento, apenas os homens poderiam participar. E que segundo Portinari (1989), a mulher servia apenas para procriar, ser do lar e dominada pelos homens desde o seu nascimento à morte. Estereotipando e tirando totalmente seus direitos sem poder escolher o próprio futuro, onde se voltasse a praticar a dança era marginalizada pela sociedade em que vivia.

Nesse fator importante e histórico, surgiu a necessidade de buscar mudar essa situação e através da prática da dança e a representatividade do Item Rainha do Folclore, inspirasse jovens a buscarem seus espaços e se adaptando no que quiserem para atuar e dançar.

Deixamos o processo ainda grandioso, mostrando que o último seria abordado com mais simplicidade a temática abordada e teríamos uma aula prática cheia de novidades.

5º Processo “Dança, gênero e sexualidade, símbolo de resistência”

Quinta-feira

Dia 23/03/2023

Horário: 10:00 as 11:30

O último processo iniciou saudosamente, percebemos que teríamos que encerrar com chave de ouro todo esse momento de ensino-aprendizagem, onde eu mais aprendi do que ensinei. Foi desafiador chegar até aqui e ter o apoio da professora e das alunas que me concederam fazer parte de um pedaço de suas histórias na vida escolar.

Antes de iniciar, refletimos através do pensamento de Möndiger (2012):

[...] O importante é pensar que, os alunos merecem conhecer e vivenciar boas experiências em artes visuais, música, teatro e dança. [...] Muitos dos seus alunos só vão conhecer parte deste mundo a partir das suas aulas (...) é uma responsabilidade muito grande. Então não deixe escapar essa oportunidade desperdiçando as ainda poucas aulas de artes com temas que envolvem as datas comemorativas ou outros já batidos. Inove! Ouse! Há um mundo artístico incrível à sua espera para tornar suas aulas muito mais interessantes! (MÖNDIGER, 2012, p. 78).

Para tratarmos do assunto que seria o fechamento da nosso processo de pesquisa, buscamos a fala de Abreu (2024) que diz:

As figuras indígenas do Festival de Parintins, sofreram e sofrem os preconceitos da sociedade patriarcal. Após décadas de difamação e calúnias, as mulheres amazônicas estão na resistência e é dessa forma, que a figura dessas mulheres vem sendo modificada através de décadas para uma mulher do tempo atual.

Ao levantar essa pauta, reporto a mim mesma como representante da Rainha do Folclore de um boi da capital. Os desafios que foi enfrentar as injúrias e preconceitos em

datas passadas. Hoje, muita coisa já mudou, porém ainda muito devemos lutar para realmente sermos reconhecidas como mulheres e não aventureiras.

Então, eufóricas e participativas as alunas estavam dispostas a enfrentar e superar os desafios desse dia especial, levei alguns objetos pessoais próprios da indumentária de Rainha do Folclore e vi aqueles olhos adolescentes brilharem, cada uma queria tocar e usar um dos adereços. Satisfazendo a vontade e a curiosidade de cada uma, expliquei o que cada um dos adereços era e significava, deixei que portassem e por fim iniciamos o último processo que foi a incorporação do personagem Rainha do Folclore. Com a toada “Deusa da Cultura Popular”, demos início aos passos criados para esse dia especial. Logicamente que tivemos de facilitar e improvisar os movimentos para que elas pudessem executar. Tadra et all (2010) indica que “a dança propicia o desenvolvimento da percepção artística e estética dos alunos, além da sensibilidade e da criatividade, mas é na relação ação e sensibilidade, ação e pensamento que a dança estabelece as conexões com a realidade do ser humano do século XXI”.

O final foi indescritível, a maioria foi tomada pela emoção do momento e eu via em cada uma delas, a mim mesma. ML falou o seguinte: “esse foi o dia mais feliz da minha vida, estou me sentindo”, já MB me disse: professora, a gente se sente mais forte, mais potente, mais mulher, não é mesmo? Eu estou me sentindo sei lá! Não sei nem dizer, o meu coração vai sair pela boca. – Eu estou tão emocionada!

Esse momento de euforia e êxtase durou alguns intermináveis minutos, eu contemplava tudo com o coração transbordando de alegria. Se naquele momento elas estavam se sentindo, mais fortes, mas guerreiras, mais mulheres, mais emponderadas, meu processo já tinha valido a pena. Para Elliot apud Marques (2010),

O amante da arte abre espaços para que o trabalho artístico se mostre, tenta encontrar nele suas qualidades, atributos, contextos e significações. O amante não desiste nunca, persegue até o fim as tramas traçadas pelo artista tentando captá-las, desvendá-las, introjetá-las.

Ser professora e pesquisadora é uma dádiva, o aprendizado será eterno. Com essa obra, realizamos a prática no espaço cedido pela escola, onde colocamos a realidade que envolve a nossa pesquisa e a perspectivas sobre os resultados que teríamos ao finalizar a pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Festival Folclórico de Parintins, realizado anualmente no Amazonas, é um exemplo emblemático da riqueza cultural brasileira. Dentre os diversos elementos que compõem esse evento, a figura da Rainha do Folclore se destaca como um símbolo poderoso de empoderamento feminino.

No contexto da pesquisa objetivamos trazer para o conhecimento das alunas essa personagem com o intuito de provocar na escola uma reflexão sobre o lugar da mulher no seio da sociedade, assim como promover a identidade cultural da mulher amazônica. Nos tempos atuais onde é crescente a violência de gênero, portanto, é imprescindível que nós como educadores, alertemos nossa juventude, não para causar pânico ou terror, mas com muita sutileza tentarmos encontrar formas de favorecer esse reconhecimento de estar e ser mulher.

Ao apontarmos que a Rainha do Folclore transcende seu papel tradicional, representando uma mulher forte, confiante e determinada, estamos considerando que nossas alunas se identifiquem com uma mulher do tempo atual. Ela encarna a resistência e a resiliência das mulheres da região, desafiando estereótipos e normas patriarcais. Sabe-se que as normas que regem o patriarcado ainda são fortes no nosso país, por esse motivo devemos ser cautelosos(as) ao inserimos algumas temáticas na escola. Tive a felicidade de realizar minha pesquisa no âmbito de uma escola que já promove de forma frequente a educação, a cultura e o respeito entre os gêneros. Mesmo com a rejeição de algumas representantes do gênero feminino e a rejeição total do gênero masculino, conseguimos alcançar os nossos objetivos.

Sabemos que o título de Rainha do Folclore não apenas reconhece a beleza e o talento, mas também valoriza a liderança, a criatividade e a capacidade de superação das mulheres, e, foram esses valores que tentamos fazer com que nossas alunas entendessem no decorrer da aplicação do projeto.

Nosso maior entrave se deu com o pouco tempo disponibilizado para a aplicação da pesquisa, e algumas temáticas importantes como o aprofundamento nas questões de corpo, gênero e sexualidade, foram levadas de forma superficial ao conhecimento das alunas. Pensamos também que ficamos dois dias atendendo uma enorme turma mista, o que dificultou o diálogo e a aplicação da pesquisa. Enfim, a partir do terceiro dia de

encontro e somente com as mulheres, pudemos adentrar realmente na questão objetivada pelo estudo.

Neste contexto, o empoderamento feminino representado pela Rainha do Folclore do Festival de Parintins se manifesta em três aspectos principais e importante para ser reverberado nas meninas mulheres. Primeiramente destacamos a autonomia e autoestima, pois ela representa uma mulher confiante e independente. Em segundo plano e não menos importante, trazemos a representatividade e visibilidade, pois é um item que representa as mulheres da região, com destaque para sua importância cultural. E por fim, a liderança e a inspiração, ao trazer em sua figura a inspiração para que futuras gerações lutem por igualdade e respeito.

Assim, intentamos com a representatividade dessa mulher levar para as nossas alunas a possibilidade de serem o que elas quiserem, líderes, criativas e fortes, desafiando os limites impostos pela sociedade patriarcal.

Essa pesquisa contribuiu para uma maior compreensão da importância da representatividade feminina na cultura e na sociedade brasileira, assim como para o entendimento do empoderamento de gênero.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Jeanne Chaves de. FRANCO, OTTO. **Atividades Rítmicas: Dança, Folclore e Cultura Popular**. Manaus, UEA Edições-Ed. Valer, 2008.

ABREU, Jeanne Chaves de. **Dois prá lá, uma prá cá: a dança da Cunchã Poranga e o empoderamento de gênero**. Caderno de Resumos 8º EMFLOR, Manaus. Edua e Alexa Cultural, 2024.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito**. Porto Alegre-RS, Ed. Mediação, 2004.

ARANTES, Paulo Eduardo. **O que é Arte?** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo 2: a experiência vivida**. São Paulo, Nova Fronteira, 1949.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Culturas Populares em Meio Urbano**. Manaus, EDUA, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acessado em 05 de maio de 2018.

BRUYNE, Paul. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais, os polos da prática metodológica**. Rio de Janeiro, Ed. Alves, 1991.

CHUCHE, Beatriz. **Identidade e diversidade cultural**. Cortez, 1999.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos modificados- o saudável e o doente na cibercultura**. Corpo, Gênero e Sexualidade, um debate contemporâneo na educação. Petrópolis-RJ, Vozes, 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir. Corporeidade e Educação**. Campinas, SP. Papyrus, 1994.
- KRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa, Métodos de Pesquisa Qualitativos e Quantitativos e Misto**. Porto Alegre-RS, ARTEMED, 2007.
- LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade, um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2010.
- MARQUES, Isabel. **Linguagem da Dança: arte e ensino**. São Paulo, Digitexto, 2010.
- MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre-RS, Ed. Mediação, 2004.
- MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e Educação: Teoria e Política**. In. *Corpo, Gênero e Sexualidade, um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis-RJ, Vozes, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social, Método e Criatividade**. Petrópolis-RJ, Vozes, 2001.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Boi Bumbá, História, Análise Fundamental de Juízo Crítico**. Manaus, Ed. Do autor, 2004.
- NANNI, Dionísia. **Ensino da Dança: enfoques neurológicos, psicológicos e pedagógicos na estruturação-expansão da consciência corporal e da autoestima do educando**. Rio de Janeiro, Shape, 2003.
- NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas, Boi Bumbá, Ciranda e Sairé**. Manaus: Ed.
- ROSA, Graciema de Fátima. **O Corpo feito cenário**. In. *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Org. Meyer e Soares. Porto Alegre-RS, Ed. Mediação, 2004.
- SANT`ANNA, Denise Bernuzzi de. **Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil**. In *Políticas do Corpo*. Org. Denise Bernuzzi de Sant`Anna. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- SANCHES, Cleber. **Fundamentos de Cultura Brasileira.**/ Cleber Cid Sanches, Manaus: Editora Travessia, 1999.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos).

SILVA, Rosimeri Aquino da. SOARES, Rosângela. **Juventude, Escola e Mídia**. In. *Corpo, Gênero e Sexualidade, um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis-RJ, Vozes, 2010.

STRINGER, E. T. **Action Research: a handbook for practitioners**. Sage, 1996.

TADRA, Débora Sicupira Arzua. VIOL, Rosimara. ORTOLAN, Sabrina Mendes. MAÇANEIRO, Scheila Mara. **Linguagem da Dança**. Curitiba-PR, Ed. IBPEX, 2009.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 1985.

7 APÊNDICES







8 ANEXOS